

# A uberização da classe trabalhadora: um mergulho no passado, uma análise do presente e um vislumbre para o futuro

The uberization of the working class: a dive into the past, an analysis of the present and a glance to the future

Amanda Milhomem Silva\*  
amandamilhomem1@gmail.com

---

**RESUMO:** Este artigo foi elaborado com base nos resultados do trabalho de conclusão de curso desenvolvido para o curso de Licenciatura em História do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás intitulado “Trabalhadores livres como pássaros? : Um estudo de caso da greve dos entregadores de aplicativo nos anos de 2020/2021 e a formação de uma nova classe trabalhadora diante da experiência da precarização”. O objetivo inicial foi realizar uma análise introdutória do novo modelo capitalista de acumulação flexível, compreendendo a hegemonia neoliberal e o impacto no mundo do trabalho, sendo perceptível o surgimento de formas de empregos precários e o acirramento da exploração dos sujeitos que toma novos contornos com as tecnologias digitais e informacionais. O foco é permear os movimentos que aconteceram durante o período pandêmico chamados “breques” dos aplicativos, mobilizações diversas de trabalhadores plataformizados buscando regulamentação, condições de trabalho e direitos mínimos para a categoria. Por fim, utilizando o conceito de classe proposto por E.P Thompson, analisar se é possível compreender este movimento como uma precipitação da formação de uma nova classe trabalhadora, haja vista a experiência coletiva da precariedade e exploração.

**PALAVRAS-CHAVE:** Uberização, Classe, Trabalho, Era digital.

**ABSTRACT:** This article was prepared based on the results of the course conclusion work developed for the History Degree course at the Federal Institute of Education, Science and Technology of Goiás entitled “Free workers like birds? : A case study of the app delivery drivers’ strike in 2020/2021 and the formation of a new working class in the face of the experience of precariousness”. The initial objective was to carry out an introductory analysis of the new capitalist model of flexible accumulation, understanding neoliberal hegemony and the impact on the world of work, with the emergence of forms of precarious employment and the intensification of the exploitation of subjects taking on new contours with the digital and informational technologies. The focus is to permeate the movements that took place during the pandemic period called “breaks” of applications, various mobilizations of platformed workers seeking regulation, working conditions and minimum rights for the category. Finally, using the concept of class proposed by E.P Thompson, analyze whether it is possible to understand this movement as a precipitation of the formation of a new working class, given the collective experience of precariousness and exploitation.

**KEYWORDS:** Uberization, class, work, digital .

---

\* Mestranda em Sociologia pela Universidade Federal de Goiás, com graduação no Curso de Licenciatura em História pelo Instituto Federal de Goiás.



### Introdução

S alientar neste estudo o processo de uberização da sociedade contemporânea, na chamada Era digital, exige um esforço em compreender que historicamente, houveram modificações dentro da esfera produtiva do capital, sociedade e organização do trabalho. Ricardo Antunes (2013), esclarece que a partir dos anos de 1970, como resposta às crises geradas pelo próprio modelo capitalista, inicia-se um novo processo de reestruturação aos moldes neoliberais que modificam, em grande medida, não somente o mundo do trabalho, mas os empregos, os tipos de relações laborais e os direitos trabalhistas. As características perceptíveis dos novos empregos são a flexibilidade, intermitência, precariedade, baixos salários, instabilidade, ausência de direitos e leis que regem o trabalho.

O processo de reestruturação do capitalismo foi possível principalmente diante de um grande avanço tecnológico. De acordo com Manuel Castells (1999), em meados dos anos de 1970, diante de grandes perturbações no modelo capitalista, muitas empresas adotaram as tecnologias de informação e comunicação e a descentralização organizacional para reduzir os custos produtivos com mão de obra humana, aumentar a produtividade, o mercado e aumentar o giro de capital.

As novas tecnologias de informação e comunicação redefiniram os processos de trabalho e os trabalhadores, e logo, também a estrutura ocupacional, com novos empregos especialmente do setor de serviços e com ocupações das mais diversas e heterógenas, o avanço dessas tecnologias em todas as áreas, principalmente na esfera produtiva foram expressivas.

Analisando a sociedade atual, imersa na chamada era digital, torna-se notável que vivenciamos nova fase da digitalização e automação, que vem modificando a sociedade, por meio das tecnologias e um aparato informacional e digital de ponta. Schwab (2016), descreve este novo momento como uma quarta revolução industrial, a revolução tecnológica.

A quarta revolução, ou indústria 4.0, é um movimento importante para a história da sociedade “caracterizada por uma internet mais ubíqua e móvel, por sensores menores e mais poderosos que se tornaram mais baratos e pela inteligência artificial e aprendizagem automática” (Schwab, 2016, p.20). Ainda, apresenta grandes vantagens econômicas, pois pode-se criar uma unidade de riqueza com menos mão de obra humana, e um barateamento do custo produtivo com uso de tecnologias.

O efeito tecnológico no trabalho e para quem vive do trabalho, para Schwab (2016), é tanto destrutivo, pela substituição do trabalho por capital, gerando uma massa desempregada ou realocada em outras ocupações, quanto capitalizador, que se dá à medida que cresce a demanda por novos bens de serviço e leva à criação de novas profissões e de novas empresas e até mesmo indústrias, estas muitas vezes em plataformas digitais, como o caso analisado neste estudo, a uberização.

Karl Marx (1994), quando analisava a mecanização dos processos de produção nas primeiras fases das revoluções industrial, chegou à conclusão, ainda nos primórdios da modernização da produção, que as máquinas não seriam um fator de melhora para o trabalhador assalariado, e, pelo contrário, significava um meio de tornar supérfluo o trabalho vivo, aumentar o desemprego por meio da diminuição do contingente de mão de obra necessária para uma produção, e aumento da exploração do mais-valor relativo.

Pensando hoje, a economia digital vem redimensionando o mercado de trabalho e as formas de trabalho ao longo dos últimos anos, pouco a pouco vemos emergir grandes plataformas digitais, como a Uber, que tem por princípio de funcionamento, utilizar a mão de obra de pessoas desempregadas ou com desejo de complementar renda, que possuíam tempo livre e meios de trabalho para serem motoristas e também potenciais passageiros (Franco e Ferraz, 2019).

Durante a pandemia de 2020, muitos motoristas e entregadores começaram a se mobilizar denunciando as condições precárias e insalubres de trabalho naquele contexto, além disso, a literatura acadêmica no que tange pesquisadores do mundo do trabalho passaram a permear as condições do trabalho uberizado, as grandes contradições e principalmente, a precarização do trabalhador na era digital.

Antunes (2020), evidencia que a nova morfologia do trabalho pode possibilitar o florescimento de uma nova morfologia de lutas sociais. “O breque dos apps” como sugestivamente foram denominadas as duas primeiras greves dos trabalhadores e trabalhadoras de aplicativo no Brasil, em junho de 2020, sinaliza o início de uma nova fase das lutas sociais desencadeadas pelo novo proletário da era digital” (Antunes, 2020, p.22).

Tendo como pauta a luta contra o sistema de algoritmos, que privilegia trabalhadores que fazem mais tempo de trabalho e impossibilita que entregadores façam entregas em

determinadas regiões e, ainda, contra a vigilância e punição por meio de bloqueios arbitrários. Ademais, outra pauta foi a favor da taxa mínima de entrega e por outros benefícios.

A mobilização por direitos acontece em plena pandemia de covid-19, momento em que houve um crescimento no número de entregadores, quando os pedidos em domicílio ficaram mais frequentes e a atividade assumiu um papel essencial no auxílio à quarentena nas grandes cidades. Toda a articulação nas redes fez com que as hashtags #brequedosapps, #grevedosapps e #grevedosentregadores estivessem entre os cinco assuntos mais comentados do Twitter em alguns dias do mês de julho. Mas não foi só isso. Acabou chamando a atenção para um fenômeno ainda mais complexo que já atinge inúmeras outras categorias e recebeu a sugestiva denominação de “uberização do trabalho” – numa referência ao aplicativo de transporte Uber, um dos pioneiros desse modelo que, apoiado nas tecnologias móveis, se caracteriza pela ausência de vínculo empregatício e cujos riscos e custos das atividades ficam a cargo do trabalhador (Peres, 2020, p.17).

Peres (2020), elucida que os movimentos vieram ganhando cada vez mais força em razão de um grande desconforto e insatisfação da categoria com relação à gestão das plataformas, ao ritmo de trabalho extenso e à exigência para alcançar uma qualidade e padrão elevados. Outra exigência está no total desamparo do trabalhador em caso de furtos, roubos, perdas e destruição dos meios de trabalho ou até mesmo em questões de saúde, doenças ocasionadas pelo trabalho, ou contaminação viral.

“O #Brequedosapps consolida novas formas de resistência que se fazem na relação com esse tipo de gerenciamento e organização do trabalho” (Abílio, 2020,p.595). Nesse sentido, cabe questionar se é possível se pensar a formação de uma nova classe trabalhadora, diante do que o marxista E.P Thompson amplia sobre o conceito de formação de classe e sua consciência.

Thompson (2012), evidencia que em sua concepção, a classe se manifesta a partir de uma experiência vivenciada por sujeitos. É válido mencionar que o historiador dá total importância à análise cultural, de uma história a partir da qual os sujeitos antes dominados por uma conjuntura estrutural da classe dominante, pensam e racionalizam e agem diante da sua condição nessa sociedade. A partir de uma dada experiência, os sujeitos refletem o mundo, suas necessidades, anseios, insatisfações, e se identificam com pessoas que partilham da mesma experiência e também dos mesmos anseios.

A partir disso, se unem em prol de seus interesses, que podem se manifestar no conflito direto contra um grupo antagonico. Por conseguinte, classe é uma categoria histórica mutável, diversa, contraditória e não estática que se delinea a partir de diferentes experiências.

Os movimentos contra hegemônicos que vêm ocorrendo na sociedade, tal como o objeto estudado, o “Breque dos Apps”, podem sinalizar a formação de uma nova classe, ou fração de classe, composta de maneira totalmente heterogênea, mas que, na análise thompsoniana, vem delineando no embate e no confronto, na luta de classes, tentando compor-se coletivamente na garantia dos seus direitos.

### ***O passado e o futuro do mundo do trabalho***

Para Marx (2014), o processo de formação da classe operária ocorre diante de um processo denominado acumulação primitiva, que é a expropriação dos sujeitos dos meios de produção, isso pois, o capitalismo precisa criar, segundo ele, o próprio terreno para sua existência e, assim, afastando os sujeitos dos meios de sobrevivência, a única coisa que lhes sobra é vender a mão de obra de trabalho, sendo esse processo a raiz do proletário.

O Processo de acumulação primitiva é segundo Marx (2014), totalmente violento de variadas formas, e a classe detentora dos meios de produção, a burguesia, vai se aproveitar de toda a miserabilidade como forma de exploração da mão de obra do trabalhador. Por isso, “Com a acumulação do capital, desenvolve-se a luta de classes e, por conseguinte, a consciência de si do trabalhador” (Marx, 2014, p.477).

Como classes antagônicas, os interesses da burguesia são, e sempre vão ser, distintos do proletário e, logo, a história se resume, segundo a visão marxiana, em luta de classe. Essas lutas de classes são tanto econômicas e somente defensivas, como políticas e ofensivas, para a tomada do poder pela classe operária e seus aliados.

Ao compreender a gênese da classe proletária a partir do processo de expropriação da chamada acumulação primitiva, e possível analisar no cenário de reestruturação do capitalismo e nova acumulação flexível, uma nova forma de expropriação, do emprego (formal, com direitos e resguardado em leis trabalhistas) e assim, o indivíduo afastado do trabalho regulamentando, encontrasse livre para ingressar nessas tantas plataformas digitais.

As características desses empregos digitais e as inúmeras contradições e artimanhas das plataformas que retiram a liberdade e atenuam a exploração, além da precariedade e a retirada de todos os direitos do trabalhador, assemelham-se às formas pretéritas de trabalho, ou seja, dos primórdios do capitalismo industrial, obviamente, de forma diversificada e diante de uma nova conjuntura histórica, econômica, política e social.

Corroborando com a hipótese os autores Filgueiras e Antunes (2020) citam: “Nos arranjos sem reconhecimento do vínculo de emprego, as longas jornadas, que remetem aos primórdios da Revolução Industrial, bem como a negação completa dos direitos de trabalho, acentuam os riscos à própria vida dos/as trabalhadores/as” (Filgueiras, Antunes, 2020, p.72).

Classe para Thompson é um processo em formação, que se delinea mediante as experiências vivenciadas pelos sujeitos, e toma forma de classe a partir da luta, que é quando os indivíduos com experiências comuns, identificações de interesses e anseios bem como antagonismos, se unem coletivamente para reivindicar suas demandas, ademais, imanentemente se forma a consciência de classe, ou seja, de forma concomitante.

Portanto, a análise aqui busca compreender que a experiência da precarização, desemprego, exploração é a realidade de uma enorme gama de trabalhadores que encontram na informalidade e novos trabalhos plataformizados uma forma de sobrevivência, e que dessa experiência se engendram interesses comuns, a conscientização sobre a sua condição de exploração.

E não faltam contradições no modelo de trabalho por aplicativo, analisando o caso do trabalho por aplicativo, a produtividade, em teoria, não devia ser cobrada, tendo em vista um sistema de prestação de serviço de forma livre e não contratual, no entanto, o gerenciamento das plataformas, condiciona os trabalhadores a sim, serem cada vez mais produtivos.

Mas o uso da tecnologia, para exploração do trabalhador já era prevista por Marx, quando menciona que,

Se, portanto, o modo de produção capitalista se apresenta, por um lado, como uma necessidade histórica para a transformação do processo de trabalho num processo social, essa forma social do processo de trabalho se apresenta, por outro lado, como um método empregado pelo capital para explorá-lo de maneira mais lucrativa, por meio do aumento de sua força produtiva. (Marx, 2014, p.283)

Woodcock (2020), chama atenção para como as plataformas digitais utilizam dos algoritmos<sup>1</sup> como uma forma de manter o controle dos trabalhadores e, ainda, de atenuar a exploração do tempo de trabalho, configurando como um tipo de panóptico<sup>2</sup>. Dentro do trabalho

<sup>1</sup> O termo “algoritmos” é utilizado em vários contextos, algoritmos no estudo em questão, é o modelo de programação de sistemas, utilizados nos aplicativos como uma forma de gestão, controle, computação empresarial.

<sup>2</sup> Woodcock (2020) explora o modelo panóptico que Foucault (1987) analisa, como um modelo arquitetônico que possibilita os indivíduos serem vigiados sem ter visão do vigia, utilizado em prisões, hospitais, escolas e fábricas, para manter o indivíduo em constante disciplina e produtividade. Como é impossível saber quando está sendo observado, a lógica do panóptico é não só elaborar um aparato de vigilância, mas também enraizar na cabeça dos

plataformizado, existe entre os prestadores de serviço, uma constante sensação de vigilância, uma vez que esses trabalhadores devem estar o tempo todo conectados ao GPS, recebendo incentivos caso façam um serviço mais rápido, podendo atuar em locais com melhores dinâmicas. Caso um trabalhador faça entregas fora do tempo estimado, é comum que a plataforma por meio de um sistema de algoritmos diminua a demanda de trabalho, cerceie a atuação em áreas com melhor dinâmica, ou mesmo faça o desligamento do trabalhador de forma arbitrária.

De acordo com Antunes (2020), as TIC's revelam uma situação totalmente contraditória, ao mesmo tempo que prega as benesses do trabalho autônomo e livre, nunca o trabalho foi tão estritamente controlado, agora mediante o universo informacional-digital. Assim o próprio sistema condiciona a trabalhar mais, pois quanto mais horas trabalhadas maior a remuneração.

Com um sistema de avaliação, além da produtividade e agilidade, é importante a qualidade, e isso também é um fator que define se o trabalhador vai ou não ter vantagens no serviço, e condiciona a sempre entender os padrões da empresa sobre como se portar, o que vestir, como atender o cliente, no final, a liberdade é ilusória.

O ponto principal é que essas contradições permitem concluir que ainda que as empresas promovam o discurso da informalidade digital como forma positiva de ocupação, atribuindo termos como “empreendedores”, na realidade os trabalhadores de aplicativo estão em uma relação de exploração e subordinação.

Franco e Ferraz (2019), analisam que o trabalho informacional plataformizado não deve ser tomado como uma escolha do sujeito, mas, como resultado de um contexto socioeconômico, de grande escassez de empregos formais e desemprego. Como exemplo da América Latina e Caribe, dados CEPAL E OIT (2020), demonstram que em um cenário de maior índice de desemprego, com a crise sanitária da Covid-19, que o trabalho plataformizado cresceu e teve maior números de cadastro de prestadores de serviço e os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística apontam para um crescimento do desemprego já no ano de 2019 de 11,9% para 13,5% em 2020, ano de início da pandemia.

---

sujeitos que eles estão sendo constantemente monitorados, ainda que não necessariamente estejam, nesse sentido, o medo das punições em caso de vigia, coloca o indivíduo em constante produção e disciplina.

As plataformas utilizam desse amplo exército de desempregados para estabelecer controle e subsumir o trabalho ao capital. “A uberização reforça o grau máximo de influência do capital industrial (detido pela Uber) sobre o processo de trabalho subsumido ao capital – agora, em uma espécie de subsunção virtual (nova forma de mediação de subsunção real ao capital)” (Franco e Ferraz, 2019, p. 851).

A subsunção do trabalhador ao capital se dá em grande medida pelo gerenciamento, os algoritmos controlam toda a dinâmica de trabalho, desde a oferta de serviço, como estabelecimento de metas e preços que induzem que o trabalhador trabalhe de forma condicionada, o trabalho uberizado é totalmente gerido e controlado pelas mãos “invisíveis”<sup>3</sup> dos algoritmos.

A função declarada da tarifa dinâmica da empresa, por exemplo, é regular oferta e demanda de clientes e motoristas. A Uber distribui o produto-mercadoria pelas cidades mostrando aos motoristas as áreas onde os preços estão mais altos, em uma estratégia de condução indireta. Por outro lado, não é possível que o cliente e o trabalhador conheçam a exata fórmula do cálculo” (Franco e Ferraz, 2019, 852).

Esses algoritmos controlam preços, utilizam de formas psicológicas de aumentar a produtividade, levando o motorista a rodar e fazer mais corridas, além disso o modelo avaliativo faz com que os trabalhadores estejam dentro dos padrões e normas da empresa. No final, a uberização revela a contradição que existe entre o que devia ser trabalho autônomo e uma realidade de vigilância e gerencia digital, mas que ainda, revela a expansão da subsunção do trabalho ao capital.

No dia 1º de julho de 2020 aconteceu a primeira grande paralisação dos entregadores e motoristas de aplicativo, tendo como pauta a luta contra o sistema de algoritmos, que privilegia trabalhadores que fazem mais tempo de trabalho e impossibilita que entregadores façam entregas em determinadas regiões e, ainda, contra a vigilância e punição por meio de bloqueios arbitrários.

A mobilização ganhou força e apoio popular, principalmente nos anos de pandemia, além de ocorrer nacionalmente em vários Estados brasileiros, com adesão de inúmeros

---

<sup>3</sup> A utilização do termo invisíveis entre aspas está relacionado com o estudo de Machado e Barreto (2020) que explicam como dentro da infraestrutura de rede digital, a inteligência artificial aparenta ser “algo”, “coisa” que gerencia, participa dos negócios, mas que na realidade, foram programadas e codificadas e criadas por mãos humanas, sua funcionalidade possui intencionalidades sejam sociais, econômicas e ou políticas.

trabalhadores de aplicativo, tal fenômeno levanta a hipótese de surgimento de uma nova classe trabalhadora.

### **1. O conceito de classe**

E. P Thompson reelabora em seus estudos o conceito de classe, levando em consideração a cultura e a experiência comum entre os sujeitos como elemento essencial para a sua formação e engendramento de uma consciência da classe comum. Antes de adentrar propriamente o conceito de Thompson é necessário compreender como o historiador promove um novo significado ao entendimento de classe dentro do âmbito marxista.

Karl Marx e Engels (2021), entendem que na história de todas as sociedades que existiram até os nossos dias tem sido a história da luta de classes, seja entre homem livre e plebeu, servo e barão, enfim, opressores e oprimidos. Com o advento de uma nova sociedade marcada pelas grandes revoluções industriais, a sociedade burguesa moderna não aboliu os antagonismos de classes, mas, substituiu-os por um novo modelo, novas condições de opressão e novas formas de lutas.

Assim, Marx e Engels explicam que a sociedade moderna industrial se funda em duas classes antagônicas, a burguesia e o proletariado. Para os autores a burguesia é a classe que detém dos meios de produção, enquanto o proletário, classe oprimida, seria a classe que vende a sua força de trabalho em troca de salário. Classe no sentido marxiano leva em consideração a sua função dentro do modo capitalista de produção. Como classes antagônicas, os interesses da burguesia são, e sempre vão ser, distintos do proletário.

De acordo com Thompson (2012), a visão de alguns marxistas analisou a classe como sendo algo estático, como se só existisse uma classe e em determinada forma de produção “tais e tais pessoas situadas nesta e naquela relação com os meios de produção, mensuráveis em termos positivistas ou quantitativos” (Thompson, 2012, p.260). Thompson, por sua vez, procura dar um ar menos determinista à origem da classe operária na Inglaterra e ao próprio processo de formação de classes, no plural. O historiador marxista, emprega em sua análise desta categoria, a experiência como ponto chave:

Classe, na tradição marxista, é (ou deve ser) uma categoria histórica descritiva de pessoas numa relação no decurso do tempo e das maneiras pelas quais se tornam conscientes de suas relações, como se separam, entram em conflito, formam instituições e transmitem valores de modo classista. Nesse sentido, classe, é a formação tanto econômica quanto cultural; é impossível favorecer um aspecto em detrimento do outro, atribuindo uma prioridade teórica. Disso decorre a determinação "em última instância" pode abrir o seu caminho

igualmente tanto por formas culturais como por econômicas. O que muda, assim que o modo de produção e as relações produtivas mudam é a experiência de homens e mulheres existentes. E essa experiência adquirir feições de classe na vida social e na consciência, no consenso, na resistência e nas escolhas de homens e mulheres. (Thompson, 2012, p.260)

A partir disso, o autor evidencia que, em sua concepção, a classe se manifesta a partir de uma experiência vivenciada por sujeitos. É válido mencionar que Thompson dá total importância à análise cultural, de uma história a partir da qual os sujeitos antes dominados por uma conjuntura estrutural da classe dominante, pensam e racionalizam e agem diante da sua condição nessa sociedade. A partir de uma dada experiência, os sujeitos refletem o mundo, suas necessidades, anseios, insatisfações, e se identificam com pessoas que partilham da mesma experiência e também dos mesmos anseios.

A classe se delineia segundo o modo como homens e mulheres vivem suas relações de produção e segundo a experiência de suas situações determinadas, no interior do “conjunto de suas relações sociais”, com a cultura e as expectativas a elas transmitidas e com base no modo pelo qual se valeram dessas experiências em nível cultural. [...] Uma classe não pode existir sem um tipo qualquer de consciência de si mesma. De outro modo, não é, ou não é ainda, uma classe. Quer dizer, não é “algo” ainda, não tem espécie alguma de identidade histórica (Thompson, 2012, p. 277).

Assim, se unem em prol de seus interesses, que podem se manifestar no conflito direto contra um grupo antagônico. Por conseguinte, classe é uma categoria histórica mutável, diversa, contraditória e não estática que se delineia a partir de diferentes experiências. De acordo com Thompson (2012), a classe não se separa de sua consciência, a própria formação da classe pressupõe a consciência dos sujeitos que a ela pertencem, assim, os sujeitos são postos diante de uma mesma condição de exploração e se enxergam nela, refletem e socializam com outros sujeitos que partilham essa experiência, agem, se veem como classe e tomam consciência de si, a classe e a consciência surgem concomitantemente.

Durante o processo de modificação da sociedade, especialmente com o grande movimento de flexibilização dos processos produtivos e instauração do neoliberalismo, não somente como um modelo econômico, mas também como um modo de vida individual, como destaca Dardot e Laval (2016), ao explicarem que o neoliberalismo analisa o neoliberalismo corresponde à formação de um novo sujeito, um sujeito competitivo, individualista, que pensa e age conforme uma empresa.

Diante dessas condições, seria impossível se pensar em classe, e muitos pesquisadores decretaram o fim da classe trabalhadora. Segundo Offè (1989), o trabalho descentrado não

permite que se tenha identificação, perde-se o sentido e o significado, não é capaz de formar o sujeito com identificação de classe, ao contrário do trabalho industrial, produtivo, que representava algo central na vida coletiva da sociedade, havendo possibilidade de participação política e reivindicações por meio de organizações coletivas sindicais, sendo este um ponto importante na identificação coletiva e de classe dos trabalhadores.

Sintomas de crescente heterogeneidade despertam dúvidas sobre se o trabalho assalariado ainda pode, nesta qualidade, ter uma significação precisa e partilhada, para toda a população que trabalha e seus interesses e atitudes sociais e políticos. Estes sintomas abrem a possibilidade de o trabalho se ter tornado "abstrato", num certo sentido, de modo a ser considerado apenas uma categoria estatística descritiva, e não uma categoria analítica para se explicar estruturas, conflitos e ações sociais (Offe, 1969, p.9).

André Gorz (1982), também cogita o fim da centralidade do trabalho e até mesmo o fim da própria classe trabalhadora, uma vez que o crescente desemprego e as formas de empregos informais seriam uma espécie de não-trabalho. Desta maneira, ele tira de contexto qualquer anseio socialista de reivindicação coletiva dos meios de produção, e embate de classes, as lutas se dão individualmente e não coletivamente apenas por meios de sobrevivência:

A não-classe dos refratários a sacralização do trabalho, em contrapartida, não sujeito social, não tem unidade de missão transcendentais e, portanto, não tem concepção de conjunto da história da sociedade. Por assim dizer, sem religião, nem Deus, sem outra realidade além daquela das pessoas que se compõe: enfim não é uma classe, e sim uma não-classe. E é exatamente por isso que ela não tem nenhuma virtude profética: não anuncia uma sociedade-sujeito, por meio da qual os indivíduos estariam integrados e salvos; ao contrário remete aos indivíduos a necessidade de salvarem-se eles mesmos, e de definirem uma sociedade compatível com a sua existência autônoma, os seus objetivos. (Gorz, 1982, p.20)

No entanto, é possível compreender as redes sociais como fonte de análise do objeto “breque dos apps”, se tratando de um veículo de comunicação, socialização, troca de experiência, organização coletiva e denúncia desses trabalhadores de diversas formas. Ainda é possível verificar grupos de apoio a motoristas de ajuda mútua, sendo este um espaço fundamental para compreender como mesmo em um contexto de trabalho individualizado se faz possível a construção de um espaço (ainda que virtual) de organização coletiva.

Manuel Castells (2015), analisa como as tecnologias e o avanço da informática levaram a uma nova sociedade, a chamada “sociedade em rede”. Sociedade em rede é definida pelo sociólogo como:

A sociedade em rede, estrutura social que se caracteriza a sociedade no início do século XXI, uma estrutura social construída ao redor das redes digitais de comunicação, embora não determinada por elas. Afirmo que o processo de

formação e exercício das relações de poder é transformado de forma decisiva no novo contexto organizacional e tecnológico que se originam no surgimento das redes digitais globais de comunicação como sistema fundamental de processamento de símbolos da nossa Era. [...]. Uma sociedade em rede é uma sociedade cuja a estrutura social é construída em torno de redes ativas por tecnologias de comunicação e de informação, processadas digitalmente e baseadas na microeletrônica, considero estruturas sociais como arranjos organizacionais de seres humanos em relações de produção, consumo, reprodução, experiência e poder expresso em uma comunicação significativa codificada pela cultura (Castells, 2015, p.22;70).

Essa sociedade de rede, ou seja, essa sociabilidade em redes possibilita a organização de movimentos sociais a partir do compartilhamento de experiências, denúncias, identificações, injustiças, assim um indivíduo tem autonomia de partilhar suas experiências nessa rede que é conectada com inúmeros outros sujeitos que partilham dos mesmos anseios principalmente em redes sociais.

Como a comunicação sem fio se baseia em redes de prática compartilhadas, ela é a tecnologia de comunicação apropriada para a formação espontânea de comunidades de prática envolvidas na resistência à dominação, isto é, comunidades insurgentes instantâneas. Como os atores sociais selecionam e usam as tecnologias de acordo com suas necessidades e interesses, as pessoas que reagem individualmente contra a dominação institucional e, no entanto, precisam encontrar apoio para sua revolta, se voltarão naturalmente para formas de comunicação que usam em sua vida cotidiana, tanto para serem elas próprias, quanto para estarem juntas com aqueles que com quem querem compartilhar significado e prática. Sob essas condições culturais tecnológicas, as explosões sociais de resistência não precisam de líderes e estrategistas, já que qualquer pessoa pode alcançar todos para compartilhar a sua raiva. Se a raiva é de fato, um sentimento puramente individual, mas o SMS flutuará inofensivamente no oceano da comunicação digital. No entanto, se a garrafa atirada no oceano for aberta por muitos, o gênio sairá dela e uma comunidade insurgente irá se desenvolver conectando mentes para além de sua revolta solitária (Castells, 2015, p.416).

Logo, se compreende como vem sendo delineado o espaço de comunicação e relações sociais e o compartilhamento de experiências vividas por essa parcela de trabalhadores do setor de serviços digitais. É possível compreender a formação de um movimento como o “breque dos apps” se analisarmos essas redes sociais como forma de compartilhamento de experiência e identificação coletiva.

As empresas plataformas que ofertam micro trabalho digital não são imunes a organização e a reivindicação dos trabalhadores e trabalhadoras que aos poucos superam a superindividualização característica do setor e se organizam, ainda que de forma embrionária [...] Por mais eficientes que sejam as novas formas, objetivas e subjetivas, de controle sobre o trabalho realizadas pelas empresas, por meio das novas tecnologias da informação e da comunicação, são inúmeros os exemplos de trabalhadores e trabalhadoras intermediadas por aplicativos que se conscientizam e se organizam em

associações, sindicatos e coletivos, e logram importantes conquistas por melhores condições de trabalho a novidade está no fato de que, assim como as principais empresas plataformas são organizações globais que se beneficiam das novas tecnologias para gerir multidões de espécies pelo mundo, seus trabalhadores e trabalhadoras, também capacitados pela popularização de tecnologias similares, identificam-se, comunicam, partiram os sentidos e se articulam em dimensões internacionais. (Gonsales, 2020, p.136-137).

É possível identificar a importância do cyber espaço para a organização coletiva do movimento estudado, pois a internet e as novas tecnologias são acessíveis a todo o público dessa sociedade em rede, a internet como fonte possibilita ter acesso e compreensão de como é organizado o movimento, o alcance, a adesão, ou mesmo informações, experiências, denúncias, coletivos independentes.

Logo, se compreende como vem sendo delineado o espaço de comunicação e relações sociais e o compartilhamento de experiências vividas por essa parcela de trabalhadores do setor de serviços digitais. É possível compreender a formação de um movimento como o “breque dos apps” se analisarmos essas redes sociais como forma de compartilhamento de experiência e identificação coletiva.

A página do Twitter de um dos principais idealizadores do movimento “breque dos apps” ou “apagão dos apps” que atua na luta contra a precarização do trabalho e uberização, Paulo Roberto da Silva Lima conhecido em redes sociais pelo nome de Galo de Luta, possuía em janeiro de 2022 com 95,9 mil seguidores é um grande exemplo da força de organização da classe na rede social. Galo enfatiza sempre o discurso de que não existe empreendedores e sim trabalhadores. A sua página no Instagram e Twitter conta com variadas formas de críticas ao sistema de exploração e precarização, disseminação de informações com teor revolucionário e político, incitação ao levante, união e organização da classe trabalhadora, apoio às variadas mobilizações que ocorrem no Brasil todo.

O alcance do Galo é bastante expressivo, tanto em suas redes sociais como a repercussão nacional em entrevistas, lives, programas de TV e revistas. A indignação nas redes sociais é percebida em diversas redes e compartilhadas diariamente por trabalhadores. O grupo público na rede Facebook chamado “Uber Goiânia”, que abrange os trabalhadores da Uber na cidade de Goiânia e atualmente conta com 9,2 mil membros, constantemente são mencionados: dificuldades, problemas de segurança, crítica ao aumento dos preços da gasolina, e o repasse baixo da empresa para os motoristas em corridas.

Dentro do WhatsApp já existem grupos com pessoas que participam e/ou são apoiadoras do movimento “breque” ou “apagões” dos aplicativos. No dia 18 de julho de 2021 foram criados vários grupos comportar todos as pessoas envolvidas na tentativa de levantar como é possível compor o movimento e ajudar na causa, lutar contra a precarização e exploração e ainda, organizar movimentos em todos os cantos do Brasil.

Portanto, as contradições advindas dos novos trabalhos digitais são inúmeras, no entanto, foi presenciado desde o ano de 2020, com a grande crise sanitária, econômica e social devido a pandemia pela Covid-19, que os entregadores e motoristas de aplicativo, até então invisibilizados, foram protagonistas de um grande movimento que foi denominado “breque” ou “apagões” dos aplicativos.

Esse movimento é um importante contraponto a algumas teorias mencionadas ao logo desta pesquisa de sociólogos como Gorz e Offe, de ausência de uma capacidade organizativa da classe trabalhadora diante da desarticulação dos movimentos sindicais do período fordista, além de perda de sentidos e significados das novas formas de trabalho na vida humana, com completa heterogeneização e individualismo presentes nas novas relações de trabalho, considerando até o fim da classe trabalhadora.

Aqui faz-se importante salientar a principal hipótese que se pretendia analisar nesse estudo: se é possível compreender o “breque dos apps” como formação ou precipitação de uma nova classe de trabalhadores, ou mesmo, de fração de classe trabalhadora. Nesse aspecto, a pesquisa se debruçou em compreender o conceito de classe diante da perspectiva que o marxista Edward Thompson apresenta.

Entendendo primeiramente classe como uma categoria mutável, que se delinea mediante as novas experiências vividas por sujeitos, que pensam as suas condições, no caso do presente estudo, de precarização e exploração, socializam as suas experiências, suas demandas, e anseios e partem para a luta contra os grupos contrários às suas demandas. A classe, portanto, emerge da experiência e se forma no confronto, luta de classes, e a consciência de classe para Thompson é formada junto com a própria classe.

A experiência é algo intrincada à formação de classe, assim só possível se formar uma classe se existe um lugar de troca de experiências e formação de consciência coletiva. Nesse aspecto, Castells faz uma válida contribuição destacando que as tecnologias modificaram

expressivamente a sociedade, ao ponto de analisá-la como uma sociedade em rede, conectada em redes de sociabilidade no cyber espaço.

Nas redes, como já analisados, foi possível identificar o compartilhamento de experiências, denúncias, identificações, injustiças, possibilitando que um trabalho que se dá de uma forma completamente individual, encontre, em diversas redes sociais, formas de organização coletiva. Na pesquisa foram analisados grupos de Facebook, Instagram, WhatsApp e Twitter, que permitem validar essa proposição.

A teoria de formação de classe de Thompson logo abre espaço para se analisar o “breque dos apps” como a possibilidade de formação de uma nova classe, ou fração, mas ainda de forma embrionária, que tem como experiência comum a precarização, organizada coletivamente por meios das redes sociais e que possui uma ampla e diversificada mobilização de resistência e enfrentamento e vêm, paulatinamente, conseguindo algumas conquistas por meio dessa luta.

### ***2.1 O processo de luta de classe o futuro da classe trabalhadora***

Em primeiro momento, essa pesquisa foi finalizada no ano de 2022, após a efervescência do movimento “breque dos apps” de 2020 à 2021, e conseguiu de forma muito expressiva ganhar força e apoio popular, um exemplo disso ocorreu dia 23 de julho 2021, durante a abertura dos Jogos Olímpicos de Verão, o assunto “breque dos apps” conseguiu ficar no topo entre os assuntos mais comentados no Twitter, como o que se pode verificar pela imagem 1.

No entanto, no decorrer do período que marcou a reabertura do comércio e volta à normalidade (anos de 2022/2023 e 2024) após a vacinação da população contra o vírus SARS-CoV-2, o movimento pouco a pouco foi perdendo a força midiática e até mesmo popular, o que levou ao questionamento novamente de uma estática da classe trabalhadora. No entanto, os breques ainda continuaram em 2022<sup>4</sup>, de acordo com a nota de apoio do Sindicato dos Petroleiros do Rio Janeiro, e também em 2023<sup>5</sup>. Neste ano de 2024 é possível encontrar uma reportagem que destaca uma nova paralisação no Paraná<sup>6</sup>.

<sup>4</sup>Informações do site do sindicato dos petroleiros do Rio de Janeiro. Disponível em: < <https://sindipetro.org.br/ato-contra-abusos-de-aplicativos/> > Acesso em abril de 2024.

<sup>5</sup> Informações do site do sindicato dos petroleiros do Rio de Janeiro. Disponível em: < <https://sindipetro.org.br/25-de-janeiro-um-breque-que-vale-vidas/> > Acesso em abril de 2024.

<sup>6</sup>Reportagem Brasil de Fato. Disponível em: < <https://www.brasildefatopr.com.br/2024/03/19/breque-dos-apps-entregadores-sinalizam-greve-dos-aplicativos-de-delivery-em-curitiba-e-regiao-para-dia-20-quarta>. Acesso em abril de 2024.

**Imagem 1: Assuntos mais comentados Breque dos Apps no Twitter**



Assuntos mais comentados Breque dos apps como assunto mais comentado no Twitter com 11,8 mil Twitters, Jul.2021.

Vários podem ser os motivos para perda de força do breque dos apps, tanto pela reabertura do comércio, mas também, e aqui como destaque, as estratégias das empresas para mitigar as forças do movimento e boicotar inúmeras pautas, que sinalizam claramente um conflito de antagonismo de classe e que ocorreram, em sua maioria, no cyber espaço e dentro das redes sociais.

Para iniciar na compreensão desse contexto, vamos destacar algumas reportagens que salientam essas estratégias, a primeira, é a utilização do grande veículo de comunicação em massa, as redes sociais. De acordo com a reportagem da revista digital Agência Pública (2022)<sup>7</sup>, a empresa IFood pagou influenciadores digitais para infiltrarem dentro de uma das manifestações dos entregadores, com o objetivo de mudar a pauta, e esvaziar as várias denúncias de precariedade, baixas condições de trabalho e remuneração, para um pedido de vacinação para todos.

Assim, em muitos veículos jornalísticos, a notícia principal foi que as paralisações dos entregadores se davam pela ausência da vacina e não pelas condições de precariedade laboral.

<sup>7</sup>Reportagem Agencia Pública. Disponível em: < [https://apublica.org/2022/04/a-maquina-oculta-de-propaganda-do-ifood/?utm\\_source=twitter&utm\\_medium=post&utm\\_campaign=ifood](https://apublica.org/2022/04/a-maquina-oculta-de-propaganda-do-ifood/?utm_source=twitter&utm_medium=post&utm_campaign=ifood) >. Acesso em abril de 2024.

É válido mencionar que além disso, a empresa passou a investir em campanhas contrárias aos “breques”, com inúmeras publicações hostilizando e repudiando o movimento, como mencionado:

Com a visibilidade alcançada pela greve, a estratégia de comunicação do iFood não se limitaria a comerciais na TV que defendessem a reputação da empresa. Oito dias após o “Breque dos Apps” foi criada a página Não Breca Meu Trampo no Facebook. “O objetivo era suavizar o impacto das greves e desnortear a mobilização dos entregadores”, explicou à reportagem uma pessoa que afirma ter acompanhado o trabalho desenvolvido pelas agências de publicidade. (Agência Pública, 2022, n.p)

A Intercept<sup>8</sup> (2022), também publicou uma reportagem denunciando outras formas de ação da empresa digital Ifood, em resumo, uma liderança do movimento publicou em um vídeo viral, expondo contratos da empresa que pressupunham um regime de contrato exclusivo, e logo, que deveriam ser reconhecidos como vínculo empregatício, mas que, os entregadores não recebiam quaisquer benefícios, o Ifood, por sua vez, procurou a justiça para que o vídeo fosse removido da plataforma.

É importante mencionar como as lideranças do movimento foram perseguidas, o responsável por essa publicação, por exemplo, foi réu em processos envolvendo a empresa, mas outra liderança muito conhecida Galo de Luta, foi preso<sup>9</sup>, após uma manifestação do breque dos apps.

Portanto, não há como negar que existe um claro processo de antagonismo e disputa de classes, onde existem estratégias claras de mitigação do movimento por parte das empresas de aplicativo, o que pode explicar, de certa maneira, a perda de força do breque pelo vasto investimento em propaganda tanto favoráveis as empresas quanto contrárias ao breque dos apps, boicotes das pautas das manifestações e perseguição das lideranças.

### ***Considerações finais***

Pensando o conceito de classe proposto por Thompson, é possível identificar que o breque dos apps sinalizou uma nova classe trabalhadora, sendo esta, organizada de uma forma totalmente nova, utilizando de redes sociais como espaços de luta, organização, manifestação e construção de consciência. Contudo, não há como negar que o movimento perdeu muita força

<sup>8</sup> Reportagem Intercept. Disponível em: <<https://www.intercept.com.br/2022/11/28/ifood-e-parceira-tentam-censurar-canal-no-youtube-de-lideranca-de-entregadores/>> Acesso em abril de 2024.

<sup>9</sup> BRASIL DE FATO. O Objetivo da prisão de Galo é criminalizar os movimentos sociais. Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2021/08/06/objetivo-da-prisao-de-galo-e-criminalizar-movimentos-sociais-aponam-advogados-e-juristas>> Acesso em abril de 2024.

nos anos que marcaram o fim da pandemia, em contrapartida, as empresas de aplicativos passaram a financiar o boicote do movimento de forma persistente, assinalando um claro conflito de interesses de classe.

Atualmente, entendemos que quando pensado do ponto de vista de classe proposto por Thompson, existe uma precipitação de classe a partir do breque, contudo, há de se concordar que a uberização do trabalho não é um processo isolado das plataformas tradicionais de aplicativo, ela se dá de forma muito diversificada, abrangendo inúmeras áreas formas de emprego, (medicina, docência), precarizando cada vez mais os empregos já existentes.

Isso leva a outras interpretações, segundo Antunes (2020) nunca sequer a classe trabalhadora chegou ao fim, e assim como ocorre mudanças nas estruturas laborais, ocorrem mudanças na classe trabalhadora e na forma como ela se organiza, portanto, não se trata de uma nova classe, a classe uberizada seria a classe trabalhadora metamorfoseada diante do novo contexto e as novas experiências do tempo presente.

A experiência da precarização também não é novidade no modelo capitalista, “a precarização não é algo estático, mas um modo de ser intrínseco ao capitalismo, um processo que pode tanto se ampliar como se reduzir, dependendo diretamente da capacidade de resistência, organização e confrontação da classe trabalhadora” (Antunes, 2020, p. 62). Segundo ele, os discursos de fim da centralidade do trabalho ou fim da classe trabalhadora estão completamente voltados ao contexto histórico de países capitalistas avançados, e não nos periféricos, como sul global, Ásia, onde inúmeras empresas internacionais criaram indústrias de produção utilizando de mão de obra barata.

No entanto, independente de se tratar de uma nova classe, ou uma classe metamorfoseada a ampliação da classe uberizada é preocupante, haja vista que a precariedade é uma realidade inerente aos novos empregos plataformizados, Ricardo Antunes (2020) considera o trabalho por aplicativo uma tendência contínua da precarização laboral.

Quando a pesquisa que originou esse artigo foi escrita era impossível prever o futuro que tomaria o trabalho digital, ou mesmo a força que o breque alcançaria, hoje, é possível ver conquistas e derrotas do movimento, mas também fica mais claro a força que ele teve/tem à medida que não só incomodou os empresários digitais como os forçaram a tomarem providências para mitigar o movimento.

Tendo em vista a nossa era, e como cada vez mais é possível notar aspectos de uberização em empregos e áreas existentes, fica cada vez mais claro que o futuro do trabalho é a uberização da classe trabalhadora, e que, logo, exige esforços urgentes de luta, afinal a história da humanidade é marcada pela luta de classe, e a precarização do trabalho depende do poder de resistência e organização.

## Referências Bibliográficas

ABÍLIO, Ludmila Costhek. Uberização e juventude periférica: desigualdades, autogerenciamento e novas formas de controle do trabalho. *Novos estudos CEBRAP*, v. 39, n. 3, p. 579-597, 2020.

AGÊNCIA PÚBLICA. Máquina oculta de propaganda do Ifood. Disponível em: < [https://apublica.org/2022/04/a-maquina-oculta-de-propaganda-do-ifood/?utm\\_source=twitter&utm\\_medium=post&utm\\_campaign=ifood](https://apublica.org/2022/04/a-maquina-oculta-de-propaganda-do-ifood/?utm_source=twitter&utm_medium=post&utm_campaign=ifood) >. Acesso em abril de 2024.

ANTUNES, Ricardo, Trabalho Intermitente e uberização do trabalho no Limiar da Indústria 4.0. In: ANTUNES, Ricardo (org.) *Uberização, trabalho digital e Indústria 4.0*, 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2020. p. 11-23.

ANTUNES, Ricardo. *O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviços na era digital*. 2ª edição, São Paulo. Editora Boitempo, 2020.

ANTUNES, Ricardo. Perenidade (e superfluidade) do trabalho: alguns equívocos sobre a desconstrução do trabalho. *Sociabilidade burguesa e Serviço Social*. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2013.

BRASIL DE FATO. Entregadores sinalizam greve dos aplicativos de delivery em Curitiba para o dia 20. Disponível em: < <https://www.brasildefatopr.com.br/2024/03/19/breque-dos-apps-entregadores-sinalizam-greve-dos-aplicativos-de-delivery-em-curitiba-e-regiao-para-dia-20-quarta>. Acesso em abril de 2024.

BRASIL DE FATO. O Objetivo da prisão de Galo é criminalizar os movimentos sociais. Disponível em: < <https://www.brasildefato.com.br/2021/08/06/objetivo-da-prisao-de-galo-e-criminalizar-movimentos-sociais-apontam-advogados-e-juristas> > Acesso em abril de 2024.

CASTELLS, Manuel. 1942 – *O poder da comunicação*. 1ª Ed. – São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede: A era da Informação: economia, sociedade e cultura*; v.1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CEPAL, NU Situação do Trabalho na América Latina e no Caribe. Dinâmica laboral numa crise com características inéditas: *desafios políticos*. 2020.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

FILGUEIRAS, Vitor, ANTUNES, Ricardo. Plataformas digitais, uberização do trabalho e regulação no capitalismo contemporâneo. In: *Uberização, trabalho digital e Indústria 4.0*. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*; tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis, Vozes, 1987.

FRANCO, David Silva; FERRAZ, Deise Luiza Da Silva. Uberização do trabalho e acumulação capitalista. *Cadernos Ebape. BR*, v. 17, p. 844-856, 2019.

GONSALES, Marco. Indústria 4.0: Empresas plataformas, consentimento e resistência. In: *Uberização, trabalho digital e Indústria 4.0*: organização: Ricardo Antunes, 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

GORZ, André. *Adeus ao proletariado: para além do socialismo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

IBGE. *20 Estados tem taxa média de desemprego Record em 2020*. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/30235-com-pandemia-20-estados-tem-taxa-media-de-desemprego-recorde-em-2020>> . Acesso em dez.2021.

INTERCEPT. Ifood e parceria tentam censurar canal no Youtube de liderança de entregadores. Disponível em: <<https://www.intercept.com.br/2022/11/28/ifood-e-parceira-tentam-censurar-canal-no-youtube-de-lideranca-de-entregadores/>> Acesso em abril de 2024.

MACHADO, Ronny Max; BARRETO, Osmar Fernando Gonçalves. Os aspectos trabalhistas do Uber e a internet das coisas. In: *Anais do Congresso Brasileiro de Processo Coletivo e Cidadania*. 2020. p. 1372-1386.

MARX, Karl. In: Karl Marx . *O CAPITAL* Crítica da economia política. Livro I. São Paulo: Boitempo, 2014.

MARX, Karl. Maquinaria e trabalho vivo (os efeitos da mecanização sobre o trabalhador). *Crítica Marxista, São Paulo*, v. 1, n. 1, p. 103-110, 1994.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do partido comunista*. Barueri, São Paulo, Camelot, 2021.

OFFE, Claus. *Trabalho e Sociedade: Problemas Estruturais e perspectivas pra o futuro da "Sociedade do Trabalho"*.Rio de Janeiro. Tempo Brasileiro, 1989.

PERES, Ana Cláudia. Olha o breque!: movimento dos entregadores vem chamando atenção para a precariedade das relações de trabalho nas plataformas digitais. *RADIS: Comunicação e Saúde*, n. 215, p. 16-24, ago. 2020.

SCHWAB, Klaus. *A quarta revolução industrial*. São Paulo: Edipo, 2016.

SINDIPETRO. 25 de janeiro um breque que vale vidas. Disponível em: < <https://sindipetro.org.br/25-de-janeiro-um-breque-que-vale-vidas/>> Acesso em abril de 2024.

SINDIPETRO. Atos abusivos de aplicativos.. Disponível em: < <https://sindipetro.org.br/ato-contra-abusos-de-aplicativos/> > Acesso em abril de 2024.

THOMPSON, Edward Palmer. *As peculiaridades dos Ingleses e outros artigos – 2ª ed.*; - Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

WOODCOCK, Jamie. O panóptico algorítmico da Deliveroo: mensuração, precariedade e a ilusão de controle. In: *Uberização, trabalho digital e Indústria 4.0*. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2020.